

## Escaparam ao incêndio

Artigo publicado na Revista *ANÍBAL CUNHA*, OUTUBRO 2012, Nº 0



O incêndio que destruiu o edifício da Rua Aníbal Cunha em 17 de maio de 1975 começou no sótão onde abundavam as madeiras e rapidamente se propagou a todo o edifício principal, continuando pelo primeiro andar, chegando mais tarde ao rés-do-chão. Isto deu tempo a que, pelas janelas que davam para a rua, se tivesse retirado muito equipamento e livros. Entre o que se retirou contavam-se dezenas de garrafas de gás que de outro modo poderiam ter causado danos mesmo na vizinhança: algumas eram de hidrogénio. Os bens que se salvaram foram guardados na cripta da Igreja de Cedofeita, onde estiveram muitos meses pela benevolência do Padre Orlando Mota e Costa, que era e ainda é o seu pároco. Foi possível evitar que as chamas consumissem o pavilhão do

Bar e do Laboratório de Química Orgânica, o qual tem uma história curiosa. Aconteceu que o Prof. Carvalho Guerra regressou de um estágio na Washington University de São Luís, nos Estados Unidos, cheio de entusiasmo em dar um impulso à Bioquímica com as ideias, técnicas e algum dinheiro que lá conseguira. Só que não havia espaço na Faculdade e então um belo dia conseguiu uma visita do Dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Pedi-lhe auxílio para a expansão da Faculdade e é interessante referir que a ideia de se construir um bar para os alunos, fazendo-se assim um pavilhão de dois pisos, foi do próprio Dr. Perdigão. Lá ficou a Química Orgânica sob a direção do Prof. Polónia. A Bioquímica ocupou a ala poente do lado sul e ainda um laboratório de aulas no lado nascente, ficando o remanescente desse lado para a Bromatologia e Toxicologia, cujo diretor era o Prof. Nunes de Oliveira. No canto noroeste do terreno construíra-se, para a Bioquímica, um pavilhão destinado à manipulação de radioisótopos. O isolamento deste pavilhão contribuiu para que tivesse ficado incólume ao incêndio, circunstância particularmente feliz que permitiu continuar um importante apoio à exportação do Vinho do Porto, tendo-se lá efetuado, no decurso de vários anos, milhares de determinações de carbono-14 para garantir a genuinidade da sua produção.



**Prof. Carvalho Guerra**



**Dr. Azeredo Perdigão**

Escapou também ao incêndio o vitral da autoria de Ricardo Leone, que tinha a oficina na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa. Foi montado em 1934 ao cimo do primeiro lanço das escadas de madeira que arderam completamente. No combate ao fogo e devido a uma certa curvatura da caixilharia de ferro, caíram algumas porções do vitral. Foi contratada a sua transferência para as atuais instalações, tarefa difícil e dispendiosa, a cargo da Arquiteta Clarisse Silva, e que deve durar mais de um ano a processar-se.

Escapou também ao incêndio o vitral da autoria de Ricardo Leone, que tinha a oficina na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa. Foi montado em 1934 ao cimo do primeiro lanço das escadas de madeira que arderam completamente. No combate ao fogo e devido a uma certa curvatura da caixilharia de ferro, caíram algumas porções do vitral. Foi contratada a sua transferência para as atuais instalações, tarefa difícil e dispendiosa, a cargo da Arquiteta Clarisse Silva, e que deve durar mais de um ano a processar-se.

Fernando Sena Esteves